

DALMO DALLARI.

O que é um intelectual?

Fui premiado por intelectuais brasileiros com o título de Intelectual do Ano de 1980. Isso, para mim, tem importância muito grande, por uma série de razões. Não tenho uma posição de poder, não disponho da possibilidade de distribuir benefícios e favores, não pedi para ser premiado. Tudo isso demonstra a espontaneidade e a pureza da escolha e valoriza o resultado.

É importante ressaltar que a escolha se deu em votação aberta a todos os escritores, a Universidades, a Academias de Letras e a outras instituições culturais, por processo rigorosamente democrático, sem as coações e os artifícios eleitorais que caracterizam os simulacros de democracia.

A par disso, a premiação é valorizada pelo alto prestígio das entidades que promovem a escolha, a União Brasileira de Escritores e o jornal Folha de São Paulo, entidades que marcam sua presença no cenário brasileiro, pela prestação de relevantes serviços à cultura e pela preocupação constante com a proteção e a promoção da dignidade do ser humano.

É necessário, também, que sejam lembrados os grandes nomes da cultura brasileira, todos, sem exceção, comprometidos com os princípios democráticos e o máximo respeito pela dignidade humana, que me antecederam recebendo esse prêmio. É bem um exemplo dessa elevada estirpe de intelectuais a figura gigantesca de Sérgio Buarque de Holanda, humanista militante, que não se tem limitado a usar sua inteligência, sua cultura e seu talento literário para escrever notáveis obras de História, mas que, ainda mais do que isso, tem contribuído com seu talento, sua coragem, sua dignidade e suas ações para fazer a História. É honra insuperável ter o meu nome ao

lado dos de intelectuais desse porte, de quem muito recebi para minha formação.

Vejo também na escolha de meu nome um sinal inequívoco de aprovação e adesão ao trabalho que tenho desenvolvido em favor da justiça social, da liberdade e da paz. É confortador e estimulante receber a comprovação de que tantos intelectuais, dos mais representativos da inteligência brasileira, aprovam e valorizam esses objetivos.

Que é um intelectual? Existe ainda quem o imagine como um indivíduo pedante, um exibicionista palavroso, que faz citações a qualquer propósito ou mesmo sem propósito, um homem que despreza a humanidade. Esse tipo, vaidoso e fútil, pode saber falar ou escrever corretamente e pode até criar belas imagens literárias. Mas falta-lhe o amadurecimento de um homem verdadeiramente culto e como ser humano ele é um triste alienado, servidor constante e dócil de sua própria vaidade, que age com egoísmo e supervaloriza seu pequeno mundo. Esse é o intelectual de fachada, que já não consegue mais ser levado a sério.

O intelectual, no mundo de hoje, é um trabalhador que, sem propósitos egoístas e sem as limitações de quem procura como objetivo supremo as realizações materiais, utiliza a expressão de idéias como forma de contribuir para a valorização dos seres humanos. O intelectual autêntico é antes de tudo um humanista. Ele não aceita passivamente, em silêncio ou com indiferença, qualquer afronta à dignidade humana e procura sempre influir de algum modo para a valorização e o enriquecimento espiritual de todos os seres humanos.

Atento às condições de vida de nossa época, assistindo com angústia à degradação humana provocada pelas disputas materiais que são o alimento do capitalismo mesquinho, Osman Lins cobrava do escritor uma posição de resistência, que deve ser cobrada de todos os intelectuais. Eis as palavras do grande intelectual brasileiro:

Vivemos um momento histórico privilegiado e de suscetibilidades extremas, tendemos a esquecer que um escritor não vive de reverências nem de sapiência, que é próprio do escritor espicaçar, falar sem ser chamado, interferir, errar (errar! errar! essa coisa tão fecunda e tão saudável) e procurar manter viva, por mais que isso lhe custe, a lembrança da dignidade humana e das obrigações que impõe a um homem o arriscado ofício de escrever”.

Na mesma linha de pensamento e acentuando a responsabilidade social do escritor, Vintila Horia, o notável autor de *Deus Nasceu no Exílio*, acentua a excepcional possibilidade de comunicação de que desfruta o trabalhador da palavra no mundo moderno e condena o escritor que no momento de criação ignora os demais seres humanos. “Hoje — diz Vintila Horia — que a voz do escritor tem uma ressonância que jamais possuiu, num mundo cada vez menor e em que forças bem conhecidas se levantam contra a liberdade do homem, contra a sua paz, contra os seus direitos, como poderemos criar uma obra exclusivamente para o nosso prazer, perdendo de vista suas implicações sociais? Considero esses escritores que se comprazem com seu esteticismo uns traidores.”

Vivemos um momento histórico privilegiado, pois se de um lado a exploração do homem pelo homem e as agressões à dignidade humana atingiram extremos nunca imaginados, em consequência disso mesmo a humanidade começa a despertar e a reagir, aparecendo já os fundamentos de uma nova sociedade, justa, livre e democrática.

Nesse ambiente o intelectual pode desempenhar um papel de extraordinária relevância, desde que saiba:

— resistir à corrupção do poder eco-

nômico, que avalia o homem pelo que tem, pelo que ganha e pelo que ostenta e não pelo que é. O poder econômico não tem barreiras éticas, mas o intelectual autêntico, fiel ao seu compromisso humanista, não vende sua consciência e não se deixa cegar pelo brilho da miragem dourada;

— enfrentar serenamente a violência, irmã da corrupção e instrumento de homens primários, que não toleram a inteligência e procuram cercear em todos os homens as expressões intelectuais a serviço da dignidade humana;

— superar a mentalidade tacanha dos tecnocratas, que na sua mediocridade procuram burocratizar a vida intelectual, sufocando num emaranhado de imposições mesquinhas as criações do espírito;

— livrar-se, finalmente, das armadilhas dos invejosos, que, incapazes de ir além do vôo rasteiro das mesquinhas, procuram vingar-se e desabafar suas frustrações atirando pedras contra os que podem subir às alturas dos ideais mais nobres.

Eis o intelectual e sua responsabilidade. Recebendo hoje esta honraria, pela qual sou profundamente grato aos que se lembraram de meu nome, aos que me deram seu apoio e a todos os que partilham comigo esta festa do espírito, quero concluir evocando uma lição de um dos mais notáveis intelectuais brasileiro de todos os tempos, Érico Veríssimo:

“O menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ela caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos.”

Recebo este prêmio como o reconhecimento de um trabalho realizado, mas também como o símbolo de um compromisso: o de continuar lutando, sem transigências e sem acomodações, pela superação das injustiças sociais, pela proteção e promoção da dignidade humana, pela conquista da paz.



“...o símbolo de um compromisso continuar lutando pela superação das injustiças sociais, pela dignidade humana e pela paz”.